

Museologia do íntimo: Quando o valor é posto em questão.

Museology of the intimate: When the value is post in question.

Daniele Borges Bezerra¹
Juliane Conceição Primon Serres²

RESUMO

Neste artigo nos propomos discutir a preservação, o compartilhamento de memórias na web e a democratização de coleções cuja curadoria é feita pelos visitantes, internautas. Esse trabalho nos permite evidenciar a relação de afetividade estabelecida entre as pessoas e seus objetos, que são selecionados por desempenharem a função de evocadores de memórias ao longo do tempo. Nosso estudo de caso, o Museu das Coisas Banais (MCB), é um Cibermuseu que utiliza a internet como plataforma para a musealização de memórias vinculadas a objetos do universo afetivo de pessoas comuns e, com isso, se propõe a redimensionar a noção de valor museológico.

Palavras-chave: Cibermuseu; Memória; Afeto; Objetos; Museu

ABSTRACT

In this article we propose to discuss the preservation, the sharing of memories in the web, and the democratization of collections whose curatory is made by visitors, internet users. This work allows us to highlight the affective relationship established between people and their objects, which are selected by evoke memories over time. Our case study, the Museum of Banal Things (MCB) is a Cybermuseum that uses the internet as a platform for musealization of memories linked to affective universe objects of ordinary people and, therefore, proposes to resize the notion of value museological.

Keywords: Cybermuseum; Memory; Affection; Objects; Museum of Banal Things

¹ Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPEL). Atua na linha de pesquisa “Gestão de acervos e instituições de memória”. Possui Graduação em Artes Visuais, atua como fotógrafa e é membro do Museu das Coisas Banais. danieleborgesbezerra@yahoo.com.br

² Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Mestra em Museologia pela Universidad de Granada – Espanha. Graduada em História pela Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente é professora na Universidade Federal de Pelotas - Curso de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Tem experiência na área de Museologia e História. Pesquisa principalmente no seguintes temas: história da saúde pública, museus e patrimônio. julianeserres@gmail.com.

Introdução

Os museus preservam bens culturais considerados importantes para uma sociedade. Porém, por muito tempo a origem dos objetos musealizados ficou restrita a determinados eventos e grupos sociais, excluindo os vestígios materiais de grande parte da população, cujas memórias não eram representadas nos museus, fazendo com que, em muitos casos, estes fossem vistos como locais elitizados, distantes da vida da comunidade. Hoje em dia, na maioria das instituições museais existentes, os acervos ainda têm o status de relíquias. Neste contexto, o Museu das Coisas Banais busca preservar objetos que antes eram desconsiderados pelos museus. Tal preservação ocorre não no sentido material, mas no sentido de registrar e discutir o valor e os significados desses objetos.

Historicamente os museus são considerados instituições onde se preservam bens culturais, considerados importantes para uma determinada sociedade, os quais, saindo de um circuito econômico ou de uso, passam a compor o acervo dessas instituições, adquirindo valor simbólico (POMIAN, 1984). Considerando que cada época constrói o seu patrimônio (BALLART, 2007), esses bens nem sempre foram os mesmos.

Na Antiguidade, na Grécia mais especificamente, onde teve origem a instituição museu, preservavam-se tesouros oferecidos aos deuses; em Roma, presentes, espólios de guerra; no Renascimento, antiguidades e objetos de arte, que formaram as coleções principescas; na Idade Moderna, a esses bens foram acrescentados os objetos de ciência, além de tesouros de mundos distantes (BAZIN, 1969; POMIAN, 1984; BALLART, 2007; POULOT, 2013), e criaram-se museus particulares. A trajetória do colecionismo foi marcada em seu início pelos “gabinetes de curiosidades”, compostos por objetos exóticos, em sua maioria, ou com importância histórica, que vinham de diferentes lugares do mundo (RÉGIS, 2004).

No século XVIII, difundiu-se a ideia dos museus públicos, acessíveis aos interessados. As coleções aumentaram, os museus proliferaram. No século XIX, cada país passou a reivindicar seus museus nacionais, em sua grande maioria com acervos, paradoxalmente, estrangeiros. Até as primeiras décadas do século XX, os museus gozaram de enorme prestígio, considerados instrumentos socializadores, templos do saber (BALLART, 2007).

No século XX os museus viveram seu apogeu e crise. Enquanto tornaram-se lugares mais democráticos, foram também mais questionados: afinal, para que servem

os museus? As críticas partiram da constatação de que os museus eram lugares elitizados, que conservavam bens relacionados a determinados grupos sociais, que de fato não comunicavam, mas aprisionavam o patrimônio. Essa crítica foi mais forte ainda na América Latina com a difusão da chamada Nova Museologia (SANTOS, 2008).

Apesar das transformações – e essas vêm ocorrendo de forma acelerada nas últimas décadas, inclusive com a criação de museus comunitários e populares (VARRINE, 2013) –, a maioria absoluta das instituições museais existentes tem seus acervos ainda com status de relíquias, ou porque são objetos “produzidos por” ou porque “pertenceram a” alguém importante. São exceções os museus de ciências, arqueologia e história natural, cujos acervos têm outras proveniências, e as referidas experiências de museus comunitários, cujos acervos provêm da própria comunidade (LERSCH & OCAMPO, 2004).

Em meio a uma nova visão da museologia e com o advento de uma tipologia crescente de novos museus, entre eles os virtuais, e de novas coleções, os visitantes do MCB passam a ser “habitantes” do espaço criado pelo museu (DEBARY, 2004: 302). Ao utilizar a web como meio, interface comunicacional e ferramenta para a difusão, o contato e a troca de experiências, o MCB acredita integrar uma política de valorização das identidades, levando em consideração a relação entre as pessoas e os objetos/coisas do cotidiano.

Neste caso, o modo clássico de exposição não existe a não ser como referência. Ao eliminar o método de exposição em vitrines, em que o objeto se torna intocável, o método utilizado no MCB, que faz uso do registro fotográfico e da narrativa escrita e acessível em rede, *on line*, a partir de qualquer dispositivo com acesso à internet, permite dessacralizar o objeto de exposição.

Ao evidenciar a importância dos objetos banais para a conservação da memória das pessoas, a partir da relação destas com objetos atuais, do cotidiano, é possível discutir a afinidade entre o objeto e seu dono, abordar os objetos que são comercializados nos “mercados de pulgas”, os objetos reciclados, de segunda mão, ressignificados, os objetos herdados e os objetos que dizem respeito às nossas escolhas jornalísticas, aos modos como vivemos. Em outros termos, é possível pensar em uma arqueologia do presente. Pensar nos objetos descartáveis, ao mesmo tempo ícones do tempo e metáfora das relações humanas no tempo presente. Objetos que são conservados e valorizados, tanto na forma afetiva, quando alguém os guarda para eventualmente recordar, quanto na comercialização de nostalgias do ausente, como é o

caso das “garrafas vazias” da marca Jack Daniels, comercializadas como “objetos de segunda mão” em um mercado de pulgas na França (DEBARY; GABEL, 2012:130). Aqueles objetos que não foram mantidos pela relação de afetividade com seu dono têm, nessas feiras de segunda mão, a oportunidade de entrar num novo “circuito de vida”, em outro contexto, com outra pessoa.

O que leva à escolha do objeto “despretensioso” pelo expectador que passeia pela feira, como eventual comprador? As marcas registradas pelo tempo, pelo uso, pelos deslocamentos, pela utilidade, estopins para a recordação de muitos momentos vividos em torno deles e com eles, os objetos.

No caso do Museu das Coisas Banais, cada objeto doado e que passa a compor o acervo, criado de modo colaborativo com a participação do doador, é um estímulo à diversidade e à troca de memórias evocadas pelas coisas que compõem a cultura material do tempo presente. Na figura 1, abaixo, é possível identificar alguns dos objetos que integram as coleções do MCB, bem como, propostas de interação lançadas ao público do Instagram:

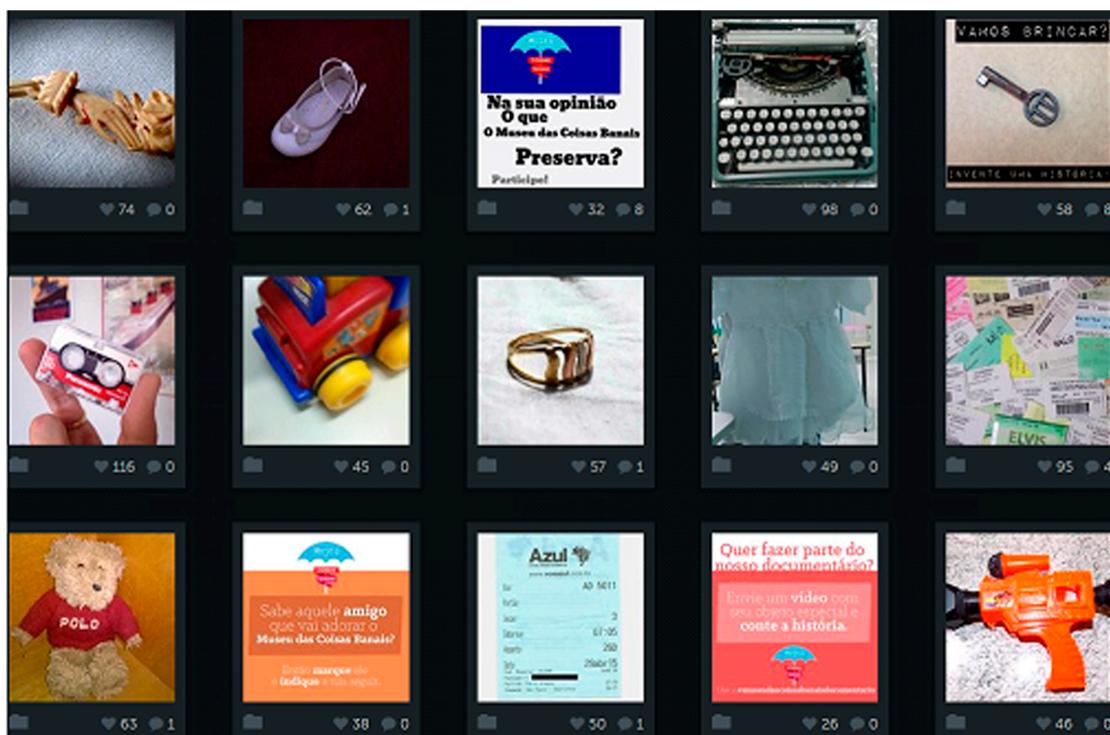


Figura 1. Objetos compartilhados pelo Instagram.
Fonte: @musedascoisasbanais. Instagram, 2015.

Ao reconhecer diferentes memórias atreladas aos objetos, em diversos contextos, e tomando a interatividade como um escopo museológico, o MCB vem cumprindo um papel social e educativo. Pois, ao evidenciar aspectos significativos destacados por outras pessoas, sobre as coisas “banais”, evidencia que o valor está na memória, muito mais do que na coisa em si, entretanto, provavelmente a memória escaparia com a ausência de um vínculo material com o tempo que passou. Com isso, o MCB provoca uma reflexão sobre nossos próprios valores, sobre a fugacidade da memória e sobre a potência das coisas que atuam numa dimensão de intimidade em nossas vidas. Nesse sentido, o objeto passa a ser um gerador. Ele não é nunca banal, inerte ou desprovido de sentidos. Mesmo quando se trata de material de descarte, ele pode assumir outros ciclos e nova vida, em companhia de outra pessoa, em outros ambientes. Bruno Latour lembra que em uma mesma atividade podemos usar objetos de tempos distintos, como, por exemplo, a furadeira elétrica, que foi inventada há mais de 40 anos, e o martelo, que é um invento com milhares e milhares de anos. No uso que fazemos dos objetos e no uso que o objeto faz de nós nunca estamos no presente puro (RÉGIS, 2004:35).

Além disso, o MCB apresenta e compartilha as narrativas de pessoas comuns, com objetos “banais”, cotidianos, ordinários, que funcionam como *reminders* (RICOEUR, 2010:55-56), ou, como diria Jöel Candau, “sociotransmissores” (2009:52), objetos que participam da transmissão da memória como extensões do humano. Na maioria das vezes, esses objetos “banais”, aos quais não atribuímos muita importância, mas que cumprem funções cotidianas, assumem um estatuto biográfico, como afirma Ecléa Bosi: “mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade” (BOSI, 2009:441).



Figura 2. Touquinhas.
Fonte: Acervo do Museu das Coisas Banais, 2015.

Essas touquinhas foram usadas por minha mãe quando nasceu, pois vi algumas fotos dela quando bebê. Estavam guardadas em uma caixa forrada que penso ser de aparelho de barba de meu avô. Olho e lembro deles dois. (E. G. B. Touquinhas. 18 abr 2015).

Conforme é possível constatar no exemplo apresentado pela Figura 2 existem objetos que se incorporam à vida, envelhecem junto com a pessoa e nos rodeiam, criando, como diz Mazzuchi Ferreira (1998:209), uma espécie de moldura social para as lembranças e uma sensação de continuidade. Além de se entender os objetos como potenciais dispositivos para a rememoração e, portanto, estabilizadores em relação ao tempo, é possível pensá-los como agentes, objetos feitos de “muitas camadas de significação, exatamente do mesmo modo que as pessoas: compostos de corpo, linguagem, e as suas questões” (LATOURE, 2006:342).

Sobre a curadoria do acervo, o MCB recebe fotografias de objetos e narrativas de qualquer pessoa que tenha o interesse de compartilhar uma história sobre objetos ou coisas que possuem um significado ou “importância” permeados pelo afeto. Sem este formato de curadoria a memória evocada pelo anel, apresentado na Figura 3, provavelmente, jamais seria preservada e dada a conhecer por um museu, permanecia apenas no seu circuito íntimo e familiar de preservação. Dessa forma, ao democratizar o acervo, o MCB exerce uma importante ruptura com as políticas de aquisição de acervo tradicionais, tanto sob o ponto de vista do que é exposto como com relação ao acesso de quem visita, e de onde visita.



Figura 3. Anel. Fonte: Acervo do Museu das Coisas Banais, 2015.

Este anel que, aparentemente, não passa de bonito, tem uma história conturbada e, por algum ângulo, até cômica.

Eu tinha oito anos quando meu pai começou a bater em minha mãe, sendo este o estopim para uma separação que deveria ter se dado uma ou duas horas após o casamento, mas que – por algum motivo sado-masoquista – demorou dez anos.

Após três anos de depressão, meu pai voltou a sair, e acabou arrumando uma namorada, que, aparentemente, tinha mais problemas do que ele, e obviamente não deu certo por muito tempo.

Passou-se mais um tempo, eu estava com quatorze anos, quando fui morar com meu pai, um pouco por rebeldia com minha mãe, um pouco por pena de vê-lo sozinho. Foi o ano mais triste da vida da minha mãe. Mas foi também o ano em que eu fiz este anel.

Minha prima havia feito um anel de quinze anos, e eu, numa atitude típica daquela época, quis imitá-la, mesmo ainda não tendo quinze. Comuniquei minha mãe de meu desejo, mas ela alegou não ter dinheiro para me dar o tal anel, mas constatou também que o anel de quinze anos dela, bem como sua aliança de casamento, haviam ficado na casa de meu pai, e que eu poderia encontrá-los e usá-los como matéria-prima para fazer o meu. Infelizmente, não os encontrei, e quase perdi as esperanças de ter um anel, quando meu pai resolveu ser bondoso, e em um ato de humildade e caridade, me doou generosamente os anéis de noivado dele e da ex-namorada louca.

Enfim, o anel fora feito. Uso-o até hoje, e não tenho pretensões de deixá-lo, pois faz parte da minha mão, bem como da minha história, pois me acompanhou na juventude, época de mudanças radicais e formação de personalidade.

Até algum tempo atrás eu poderia resumir este anel na frase: ato de remissão de meu pai. Mas, recentemente, eu descobri que os anéis que ele me dera para fazer o meu, tinham sido feitos com os da minha mãe. E agora tudo faz sentido. (K.R. Anel. Santa Maria/RS).

Apresentamos a seguir um apanhado dos comentários surgidos a partir da postagem deste objeto, conforme as informações fornecidas pelo acadêmico do Curso de Museologia na Universidade Federal de Pelotas, membro do MCB, Rafael Teixeira Chaves, em sua pesquisa, em andamento, sobre a musealização no Instagram:

Em 19 de setembro de 2015, Maria Thereza, logada como @mariathereza32 comentou: “Relato intenso, porém leve, sem mágoas ou ressentimentos. É o passar dos anos da protagonista, sob a ótica de um ‘Precioso Anel’. E há afeto, ternura, tristezas, incertezas e muitos pensares. Belo, poético”.

Em 15 de novembro de 2015, Camila Lima, logada como @lima.mila21 comentou: “Que história incrível! Tb saí da casa da minha mãe para a casa do meu pai num período conturbado. Me identifiquei com a sua história”.

Em 19 de setembro de 2015, Mateus Cardoso, logado como @m.t.cardoso comentou: “lembrei do meu anel”.

Em 15 de outubro de 2015, Cristiane Meireles, logada como @crisdiuu comentou: “Uau! Interessante!”.

Em 15 de outubro de 2015, Nathalia Bragança, logada como @n.braganca comentou: “Que história...”.

A partir desta pequena amostra de interatividade, observa-se a criação de uma nova dinâmica relacional referente ao processo de preservação da memória e do patrimônio, além da concepção de “novas memórias” coletivas, construídas de forma midiática utilizando como suporte as plataformas que compõem o ciberespaço.

Ao considerar toda a massa informacional disponível nas plataformas, verificou-se a necessidade de estabelecer parâmetros para a análise das informações relacionadas ao MCB e sobre a interação entre o público e a instituição. Rafael Teixeira Chaves incorporou *hashtags* (#), como as práticas de comunicação no Instagram, tais como: #museu, #museuvirtual, #museudascoiasbanais, #ufpel. As *hashtags* possibilitam divulgar o MCB nas redes sociais, além de “agrupar” usuários com interesses comuns ou que compartilham algum tipo de identificação com os assuntos compartilhados.

Através da utilização deste mecanismo, possibilita-se a aproximação do MCB com os usuários, que utilizam, além desse sistema, recursos disponíveis no aplicativo, tais como comentários, curtidas, etc. Dessa maneira, por meio de uma narrativa sobre determinado objeto, cria-se uma interação entre os usuários, suas memórias e vivências.

O valor dos objetos no cotidiano

Excertos das narrativas que integram o MCB nos fazem pensar sobre as nossas próprias experiências. São narrativas carregadas de memórias, que apresentam em comum um forte vínculo afetivo, com nenhuma ou pouca valoração econômica, e que nem sempre estão vinculadas a um objeto material, mas a referências materiais. O amor que ainda vive na dedicatória escrita no primeiro livro de francês; a maternidade, ou a vida reavivada pelo já ressecado cordão umbilical armazenado em uma caixa de fósforos, cuja marca nem existe mais; o anel feito com o ouro derretido das alianças da mãe e do pai, hoje separados, são alguns exemplos de como os objetos compõem a existência humana de modo intenso, extrapolando sua função utilitária ou estética.

Podemos, a título de provocação, propor que a humanidade não teve origem com a invenção da técnica, mas com os usos e sentidos criados a partir do surgimento dos primeiros objetos manufaturados. Estes primeiros artefatos foram um divisor de águas,

não apenas sob o ponto de vista da técnica (que requalifica o próprio uso do tempo), mas também, e desde então, sob o aspecto da identificação de si a partir daquilo que é produzido, e em relação à produção do outro. A partir do momento em que os seres humanos passaram a se identificar como capazes de gerar coisas, foi uma questão de tempo até que os objetos passassem de utilitários a objetos de desejo e de consumo. Pensando desta forma, o aprimoramento das relações com os objetos ao longo do tempo é uma característica evolutiva – se assim podemos chamar sem incorrer no risco de sermos rotulados como evolucionistas – que ainda prevalece nas sociedades pós-modernas e contemporâneas. O homem continua a se identificar por meio de seus objetos e a lhes atribuir valores diversos, como é possível observar com clareza no relato que acompanha o objeto identificado pela Figura 4.



Figura 4. Moeda de 400 réis. Fonte: Acervo do. Museu das Coisas Banais, 2015.

Acho que sequer sou capaz de dizer a idade deste cordão. Verdade seja dita, o cordão, em si, é relativamente novo, 1 ou 2 anos talvez. O pingente, por outro lado, deste sim não sou capaz de dizer a idade com exatidão. Ganhei-o de meu irmão, a uns 15, talvez 20 anos atrás. Na época ele cursava um destes cursos de engenharia, acho que mecânica e, se me lembro bem, o fez com “as próprias mãos”.

[...] forçando o olhar é possível perceber que esse pingente foi, em outros tempos, uma moeda de 400 réis. Datada de 1901, na verdade. Quando o ganhei, lembro-me bem, o tempo e o uso ainda não haviam subjogado suas características físicas mais distintivas. A pele e o suor ainda não haviam removido suas saliências, mais ou menos como a vida faz conosco, “polido suas arestas” até seu presente estado de disco fino e irregular, recortado em forma de pássaro.

Enfim, imagino que para alguns numismáticos mais ortodoxos pode parecer um disparate as transformações aplicadas sobre este objeto de mais de 100 anos – que talvez até pudesse ser uma moeda digna de algumas coleções. Outros podem achar estranho que eu diga que este pingente foi uma moeda, e não que esta moeda é um pingente, pois aqui sim a ordem dos tratores altera a colheita.

Mas a verdade é que não acho que importa muito o que este objeto foi, e sim o que ele é. E ele é, para mim, além de lembrete daquilo que ficou para trás, a materialização daquela sensação de que “nem tudo está perdido”. É, ao mesmo tempo, lembrete de que coisas mudam, perdem e ganham valor. (B. L. R. Moeda de 400 réis. MG, 30 mar 2015).

Sem esforço percebemos que a narrativa íntima e aquela familiar ou comunitária quase sempre são referenciadas por esses elementos, aparentemente inócuos, que dizem tanto de nós. Fotografias, suvenires, diários, mas também um ângulo da casa ou de um espaço público, artigos que endossamos, são elementos do cotidiano que servem como dispositivos memoriais. Quando vestimos aquele sapato comprado na feira da rua tal, vestimos com ele a história daquele dia, daquela viagem, dos encontros e dos sentimentos provados, dos lugares percorridos.

Nesse sentido, percebe-se que a mente humana, embora preserve com mais ênfase memórias fortes, memórias provocadas por impactos emocionais significativos, possui um sistema de registro das lembranças apoiado no ordinário, em elementos tornados familiares pela convivência, em coisas banais. Destarte, mais que pensar “a vida social das coisas” (Appadurai, 2003), é indispensável pensar as coisas sob o ponto de vista das emoções, ou seja, numa dinâmica menos material e mais subjetiva que permita pensar a relação de afetividade que se estabelece com os objetos a ponto de se compreender as relações humanas por eles permeadas.

Para Proust (1956: 45), em “O caminho de Swann”, a “busca pelo tempo perdido” pode ser exitosa se for possível o encontro com um objeto do passado. O autor afirma ser inútil tentar evocar a memória pela inteligência, já que o passado estaria fora desse domínio racional: a memória seria muito mais mediada pelo afeto que os objetos podem despertar. Assim, a memória está impregnada na vida cotidiana em relação aos objetos em tal medida que o homem pode pontuar o tempo a partir deles. Nesse sentido, o relógio de Baudrillard, ao assumir feições antropomórficas, indica a “presença da duração” que cumpre uma função estabilizadora frente ao tempo que passa: “O relógio é um coração mecânico que nos tranquiliza a respeito de nosso próprio coração” (BAUDRILLARD, 2009:30). Construimos mapas identitários nos quais

depositamos/distribuímos nossas memórias e as reorganizamos como em um mosaico temporal.

A cartografia das nossas vidas é impregnada de traços e registros, dos mais conscientes aos mais primitivos, como “estive aqui”. Toda a ação do homem sobre a natureza, quer se transforme em algo material ou não, tem um produto que funciona como marco de sua experiência e existência (HALBWACHS, 2004). É nesses marcos materiais ou imateriais, que podemos igualmente chamar “objetos”, que o homem se exprime, se regozija, saúda, festeja e recria a si próprio.

Ubiquidade



Figura 5. Geolocalização de acesso dos visitantes pelo Instagram.
Fonte: <https://insta-data-ldseinhardt.c9users.io/>, novembro de 2015.

A era das redes propõe conexões planetárias, pensa nos computadores como potencializadores da informação (LÉVY, 2007) e acelera as possibilidades de contato, ao mesmo tempo em que é atacada pela suposta perda do contato físico entre as pessoas. Vivemos conectados a partir de *smartphones* e outros dispositivos portáteis. Temos acesso à rede *on line all time*, podemos encurtar as distâncias ou simplesmente diluir fronteiras, geográfica e socialmente falando. Consequências de se viver um mundo globalizado; resultado também do excesso de informações que não é digerido a tempo. Vivemos subjetivamente comprometidos com a obrigação de acessar as mais diversas

informações. Somos avaliados de modo quantitativo e vivemos como se o tempo fosse uma questão de acúmulo, ou de posse. Talvez por isso a sociedade viva o medo do esquecimento que caracteriza o mnemotropismo contemporâneo (CANDAUI, 2009) e se preocupe em preservar para o futuro. Esse medo subjetivo do apagamento, do cancelamento da história e da memória, é muitas vezes suprimido pela ilusão da preservação de partes da nossa memória. Talvez essa seja uma das razões para fazer das redes sociais espaços para arquivos abertos de si.

Um estudo de público realizado por Rafael Teixeira Chaves e Luan Heinhardt, integrantes do MCB, a partir da localização dos acessos dos visitantes do MCB no Instagram (Figura 5), demonstra que o museu tem uma grande aceitação por parte do mais variado tipo de público, o que fica evidente pelas doações e pela interação entre os doadores em seus comentários. Até o momento, mais de 250 objetos integram o acervo do MCB na forma digital e impressa. A pesquisa com as redes sociais tem nos revelado que o projeto, embora ainda muito jovem, apresenta um alcance abrangente, com grande potencial de distribuição da informação. O que estimula a aproximação do público ao Museu por vias não tradicionais. Segundo entrevista realizada pela professora Cláudia Porto (2015) ao Museu das Coisas Banais, foi relatado que:

[...] até outubro tínhamos mais de 3.500 seguidores, que é um nível básico de interação, ainda temos os comentários e compartilhamentos, dados sobre os quais ainda estamos trabalhando, de comentários são mais de mil, o que denota níveis mais aprofundados de interação. No canal do **Youtube**, foram 1.187 visualizações. O **Facebook** do MCB tem mais de 2,7 mil seguidores. Conhecemos um pouco nosso público, do Instagram na sua maioria são pessoas relacionadas ao mundo da cultura, no Facebook são os mais variados públicos, não obedece um perfil definido. Sabemos apenas que 70% do público é feminino, 30% masculino. A faixa etária de 64% de nosso público tem entre 18 e 34 anos, sendo que 40% de nossos usuários são frequentes, 60% são de novos usuários. (MCB apud PORTO, 2015)

Segundo Rafael Teixeira Chaves, responsável pela administração do MCB no Instagram “nosso público no Instagram está vinculado à redes de eventos e instituições culturais”.

O que compartilhamos nas redes, memórias privadas? Acreditamos que ao evocar memórias compartilhadas pelo senso comum, embora individualmente, fazemos dessas ferramentas não só uma forma de comunicação, mas uma forma de comunidade, que aproxima os usuários do Museu, estes não apenas recebem informações, mas também se tornam curadores em tempo real, *on line*.

A internet permite novas relações entre tempo e espaço, novas relações entre os sujeitos e destes com os próprios objetos da cultura e com as instituições. O MCB trabalha com um acervo que não teria maior transcendência que a memória dos seus proprietários, pois são objetos banais, cotidianos, mas de grande valor afetivo. Portanto, seu acervo é democrático, sendo todo objeto potencialmente acervo do museu, que se propõe a ser, nesse sentido, um espaço de compartilhamento de memórias no ciberespaço que está possibilitando um “novo lugar de memória”, onde as memórias individuais são compartilhadas de uma maneira sem precedentes. Os museus são instituições de memória e não podem ignorar essa transformação cultural denominada cibercultura. Nesse sentido, a “rede” é um instrumento de inegável importância para os museus, tanto para divulgar os acervos como para permitir o acesso às exposições e o *feedback* do público.

Considerações Finais

O desconforto denunciado por Walter Benjamin ao identificar a reprodução em massa possibilitada pelo surgimento da fotografia no século XIX e o compartilhamento como um estopim para a “perda da aura” (Benjamin, 1984), antecipava os fantasmas da revolução industrial que assombraram e assombram as sociedades moderna e pós-moderna. A perda da aura nas sociedades industriais seria provocada pela perda da individualidade e do particular em nome do universal. A banalização do consumo e do descarte de objetos e a naturalização do consumo de objetos “modernos” em detrimento dos antigos parecem ter caminhado depressa para um abismo de excessos contemporâneos. As pessoas querem integrar o progresso e ser beneficiadas pelo conforto prometido pelos novos objetos. Por outro lado, uma contracorrente parece estar se formando e crescendo no sentido da revalorização dos objetos do passado a partir da memória e da afetividade vinculada aos objetos. Os motivos que levam a esse retorno podem ser: nostalgia, moda, estética ou afetividade, seguidos de critérios de seleção e discursos diversos que carecem de investigação.

Ao considerar musealisável todo e qualquer objeto portador de memória e formador de identidades, o MCB põe em xeque a questão do valor e propõe uma requalificação das discussões sobre a “formação de acervos” e o “reconhecimento” sob a lente do patrimônio cultural. Propõe também a desnaturalização da categoria “patrimônio” e aproxima o público do museu a partir de uma proposta de aquisição colaborativa.

Democratizar o museu é uma forma de fazer uso da categoria patrimônio para “agir” em favor da redução das distâncias e das diferenças, com a maior participação dos visitantes, que, em outras palavras, passam a habitar esse espaço virtual ubíquo, potente em possibilidades, em constante “devir” (LÉVY, 2007). A característica virtual do MCB dialoga com a proposta de uma antropologia da sobremodernidade, onde os lugares de fluxo nem sempre são estáticos, são lugares de transição ou de deslocamento, os “não-lugares” (Augé, 2005:33), espaços simbólicos de comunicação para muitas memórias com origens e destinos diversos. Da mesma forma que o acervo assume um caráter familiar, pois diz respeito a elementos comuns, também está dentro das nossas casas, em nossos dispositivos móveis, que, como próteses e extensões de nossos corpos, nos permitem passeios e atuações adaptáveis e ilimitadas, uma vez conectados.

Finalmente, fotografia e narrativa escrita enfatizam, por meio de sinais e marcas, a presença de um tempo transcorrido do qual os objetos são suporte. Longe de ser um museu de verdades cristalizadas e expostas a partir de objetos, o MCB se apresenta como uma instituição de guarda, exposição, ensino, pesquisa e entretenimento, que só é possível a partir da valorização de experiências diversas, cujo fio conector é a memória afetiva. Desse modo, o caráter de raridade do bem preservado pelo museu é relativizado e redimensionado, pois raro, nesta perspectiva, é considerado tudo aquilo que integra a vida cotidiana, após ter participado do passado recente, e que constitui um elo com esse passado. Seria esta uma forma de retorno da aura?

Neste trabalho procurou-se introduzir a problemática da atribuição de valor em relação aos objetos museais e discutir as novas mídias não só como ferramenta de comunicação. Além disso, destacou-se a importância da reflexão sobre o significado e o valor atribuídos aos objetos do cotidiano, investidos de afeto. Talvez as perguntas que o MCB não cesse de fazer sejam: Afinal, o que é “banal”? A que atribuímos valor?

Referências

APPADURAI, Arjun. *The social life of things: commodities in cultural perspective*. USA: Cambridge University Press, 2003.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma Antropologia da sobremodernidade*. Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Graus editora, 2005.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. Tradução: Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução*. Textos escolhidos. São Paulo: Abril cultural, 1983.

BALLART HERNÁNDEZ, Joseph; TRESSERAS, Jordi Juan i. *Gestión del patrimônio cultural*. Barcelona: Ariel, 2007.

BAZIN, German. *El tiempo de los museos*. Daimon: Barcelona, 1969.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CANDAU, Joel. *Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade*. Revista memória em rede. V. 1, n.1, Pelotas, 2009. Disponível em: <<http://lasmic.unice.fr/PDF/candau-article-10.pdf>>. Acessado em 05 jun 2015.

DEBARY, Octave; GABEL, Philippe. *Seconde main et deuxième vie*. In *Mélanges de la Casa de Velázquez: L'objet de main en main*. Nouvelle série, 40 (1), 2010, p 123-142, mis en ligne le 15 avril 2012. Disponível em: <<http://mcv.revues.org/3343>>. Acessado em 12 jun 2015.

FERREIRA, Leticia Mazzuchi. *Memória e velhice: do lugar da lembrança*. In: LINS DE BARROS, Myrian Moraes. Org. *Velhice ou terceira idade?: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

HALBWACHS, Maurice. *Los marcos sociales de la memoria*. Traduzido por: Manuel A. Baeza y Michel Mujica. Barcelona: Anthropos editorial, 2004.

LATOURE, Bruno. *Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático)*. Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/90-DIALOGUE-POR.pdf>>. Acessado em: 14 jun 2015.

LÉVY, Pierre. *Qu'est-ce que le virtuel ?* In *Sur les chemins du virtuel*. 2007. Disponível em <<http://hypermedia.univ-paris8.fr/pierre/virtuel/virt0.htm>>. Acessado em 14 jun 2015.

LERSCH, Teresa Morales; OCAMPO, Cuauhtémoc Camarena. *O conceito de museu comunitário: história vivida ou memória para transformar a história?* Conferência apresentada na mesa redonda "Museos: nuestra historia viviente", na Conferencia Nacional de la Asociación Nacional de Artes y Cultura Latinas, Kansas City, Missouri, 6-10 octubre, 2004.

MUSEU DAS COISAS BANAIS (MCB). Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/museudascoisasbanais/category/acervo/>>. Acessado em 15 jun 2015.

POMIAN, Krzysztof. *Coleção*. In: Enciclopédia Einaudi, volume 1, Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997.

PORTO, Cláudia. Entrevista com o Museu das Coisas Banais, Dezembro, 11 de 2015
In: *Claudia Porto: Museus & Museologia*. Disponível em:
<<https://claudiaporto.wordpress.com/2015/12/11/2327/>>. Acessado em 05 de maio de 2016.

POULOT, Dominique. *Museu e Museologia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

PROUST, Marcel. No caminho de Swann. In *Em busca do tempo perdido*. Tradução de Mario Quintana. Porto Alegre: Editora Globo, 1956.

RÉGIS, Francisco. *A danação do objeto*. Chapecó editora Argos, 2004.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

VARINE, Hugues de. *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Porto Alegre: Medianiz, 2012.